



Cego de Jericó: olhos abertos às surpresas da vida

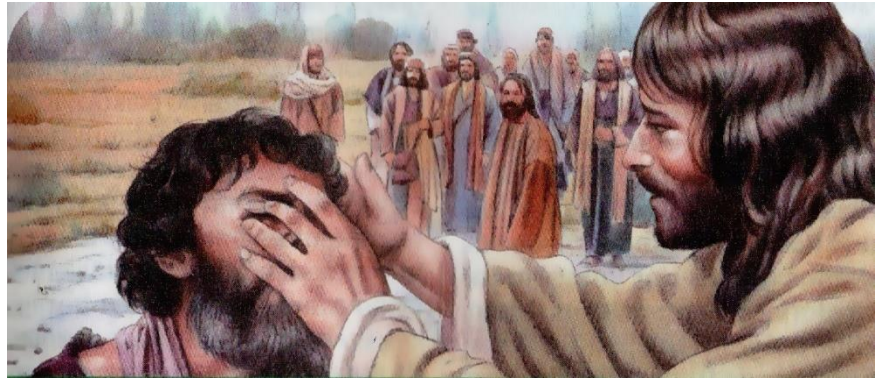
“O cego jogou o manto, deu um salto e foi até Jesus”. (Mc 10,50)

Pe. Adroaldo Palaoro, SJ

REFLEXÃO BÍBLICA

30º Domingo do Tempo Comum – Ano B

Bar-Timeu: “bar”, em aramaico, significa “filho de”. Ele é um homem sem nome, conhecido simplesmente como filho de Timeu. Está sentado num ponto estratégico, mendigando às margens da estrada. Todos os peregrinos passam por ali para ir a Jerusalém. Marcos nos fala da “marcha decidida”, encabeçada por Jesus, em direção à Cidade Santa. Esta marcha estremece, dá medo, pois não se realiza nas melhores condições. Em três ocasiões anteriores Jesus já tinha predito sua paixão e morte em Jerusalém, nas mãos das autoridades, civis e religiosas. Os discípulos, também com medo, o seguiam; pouco a pouco muitas pessoas vão se somando à peregrinação: uma “multidão considerável”, nos diz o evangelista.



GRAVURA: O cego de Jericó, Stefano Pachi (Liturgia Diária – Paulus – out.2024, p. 105).

É o caminho da fidelidade no seguimento de Jesus. Identificar-se com Ele é levar até as últimas consequências o compromisso em favor da vida e dos mais excluídos.

À beira deste caminho, um cego está atento, pois é difícil que alguém passe por este ponto sem perceber a presença dele. Só ele sabe o incômodo que é estar cego, esmolar, vivendo fora da cidade, à margem do caminho. A hora é agora e não há tempo a perder diante de tamanha oportunidade: a passagem do “Filho de Davi”.

Aquele que não via, vê Alguém muito especial que passa; e Aquele que passa é o Filho de Davi, o Messias aguardado por tantas gerações.

Ao mesmo tempo, o cego reconhece que Ele tem poderes terapêuticos e que pode curá-lo de sua cegueira.

Assim, do meio do barulho dos passos, da balbúrdia e do vozerio das pessoas, brota, da boca do cego, uma invocação incontornável, cada vez mais persistente; uma oração, um ato de fé: *“Jesus, Filho de Davi, tem compaixão de mim”*.

Surpreende-nos a variedade de nomes e qualificativos em sua maneira de dirigir-se a Jesus. Certamente já ouvira falar sobre Ele e reconhece que Ele vem da parte de Deus e que age com autoridade.

Soa o primeiro “kyrie eleison”, que depois repetiremos constantemente nas comunidades cristãs. Os “guardiões da ordem” o repreendem para que se cale esta voz incômoda que vem da margem.

Aqueles que acompanham a Jesus não querem saber nada dos problemas do cego. É como se dissesse: *“na situação em que te encontras não tens direito a protestar nem a gritar. Aguenta e cala-te!”*. São “muitos” que fazem caminho com Jesus, mas não têm a sensibilidade de descobrir a necessidade dos outros.

Mas a voz suplicante chega aos ouvidos de Jesus; este deixa-se afetar por ela e “se detém” no caminho.

Jesus interrompe bruscamente a sua caminhada apressada para Jerusalém. Ele ouve e pede para chamar justamente aquele cujo **grito** perturbava e incomodava a “*tranquilidade*” da multidão que o seguia.

O relato deste domingo tem pouco a ver com outros relatos de cura em Marcos.

É Jesus que chama o cego, pergunta o que ele quer, admite o título de “Filho de Davi”, não o afasta da multidão, a cura não é acompanhada de nenhum gesto, não o manda guardar silêncio a respeito da cura...

Os dois ainda não se conheciam, mas era forte, em ambos, o desejo de se encontrar.

Aquele que vê com os olhos da fé, quer ver com os olhos físicos. O **cego** levanta-se de um **pulo**, deixa de lado seu manto, sem hesitar: sua riqueza, sua segurança, seu teto... e entra na luz do **olhar** de Jesus.

Bartimeu não está mais excluído, às margens da estrada. Agora, ele se encontra no centro da cena: face a face com o “*Filho de Davi*”. Na verdadeira fé a luz interior envolve todo o seu corpo. Jesus acende os sentidos do cego e este recupera sua visão. Curado, ele se incorpora à marcha e segue alegremente Àquele que vai na frente.

A partir de agora ele poderá **ver**, não apenas o rosto das pessoas, a cor de uma flor, o sorriso de uma criança, o encanto da aurora ou o pôr-do-sol, mas, sobretudo, poderá ver a própria **existência**, o **sentido** das coisas, da história, dos acontecimentos humanos e da vida...

Finalmente, Bartimeu poderá decidir aonde ir, o que fazer da própria vida e como dirigir-se ao próprio Deus. Jesus não o segura; não o convida a segui-lo, mas oferece a capacidade de **ver** na direção certa; oferece-lhe a **liberdade**; ajuda-o a descobrir que, o desejo de **viver**, de **caminhar**, de **gritar**, nasce da fé.

E, naquela liberdade total, interior, faz a sua opção decidida: “...e seguia-o pelo caminho”. Esta frase expressa **mobilidade** e **proximidade**. Depois da experiência do encontro com Jesus, Bartimeu passou da imobilidade ao **movimento**, da exclusão à **inclusão**, do afastamento à **proximidade**... Para ele, a obscuridade se tornou **luz**; a marginalidade se tornou **estrada**; a estraneidade se tornou **familiaridade**; a liberdade se tornou **gratidão**; a solidão se tornou **seguimento**...

E tudo isso começou de um **grito**... e de um **salto**.

A capa, que antes o acompanhava e o protegia, agora é abandonada. Fica lá, na beira da estrada, marcando o lugar da mudança. A imagem que ela representava é coisa do passado. A capa continua lá no mesmo lugar, mas Bartimeu, agora tomado pelo olhar de Jesus, é homem do caminho, discípulo, seguidor...

Ao chamado de Jesus, reage dando um **salto**. Salta para um novo **ver**, salta ainda mais para um novo **ser**.

Salta da vida sem graça, limitada a pedinte da margem do caminho, para a graça da vida de caminhar solidário rumo à transformação.

O relato evangélico deste domingo também nos ajuda a recuperar o sentido de nossa **visão**, normalmente possessiva, estreita e interesseira. Nossa maneira de **ver**, nesta cultura da imagem, está muito condicionada pelos grandes meios de comunicação, que constantemente nos transmitem informações sobre a realidade, segundo a visão e o interesse dos donos. Gerou-se nas sociedades atuais uma maneira “comprada de ver”.

Por isso temos de libertar nossos olhares, tanto para olharmos a nós mesmos como para não entrarmos nas expectativas daqueles que nos olham com olhos que não respeitam nossa própria realidade pessoal.

É preciso olhar de outra maneira para ver e oferecer uma visão alternativa da realidade, para saber o que vivemos e a partir de onde o vivemos. Mas isso supõe um longo processo contemplativo que é inseparavelmente ascético e místico, íntimo e social, pessoal e comunitário.

Todos participamos de algum jeito das **diferentes cegueiras** deste mundo. Necessitamos de colírios que nos devolvam a vista, como a Igreja de Laodicéia (Ap 3,18).

Todos precisamos libertar o olhar de nossas cegueiras para contemplar a realidade como Deus a olha.

Precisamos voltar a receber, muitas e muitas vezes, esse olhar primeiro e originante de Deus, que pôs seus olhos sobre a criação, sobre cada criatura, fixa-se nela e a vê como boa e preciosa. Nossa presença consiste em recuperar esse olhar de bênção sobre nós e sobre o mundo. Com muito mais motivo sobre aqueles rostos que não encontram razões para serem considerados bons, formosos e atrativos. São muitos os que, à beira da estrada, clamam para serem escutados e olhados de maneira compassiva, sem a frieza do julgamento, sem intolerância e preconceito. É preciso “cristificar” nosso olhar para ativar uma sensibilidade solidária e comprometida.

Texto bíblico: Mc 10,46-52

Na oração: Orar com os **olhos** é dar o salto. Do simples “**ver**” a um sereno e profundo “**olhar**”. E deste, a um “**sentir-nos olhados**” muito mais amorosamente...

Ao orar, precisamos “**olhar**” e “**sentir-nos olhados**”.

“*O olho através do qual eu vejo Deus é o mesmo olho através do qual Deus me vê*” (Angelo Silésius).

Para orar, basta aprender a **olhar** e a sentir-nos **olhados**.

Se pretendemos aprender a “**olhar com amor**”, sintamo-nos olhados desse modo.

— Além de olhar tudo com paz, se você quiser converta cada **olhar** em oração; olhe tudo com carinho.

— Recorde todos os “**olhares amorosos**” que Deus foi depositando sobre você ao longo da vida.

— Procure sempre que seu **olhar** seja límpido, sem filtro, isto é, isento de preconceitos.

— **Coração** e **olhos** espreitam na mesma direção. São os puros de coração os que verão a Deus (Mt 5,8).